

Ano 20 • Número 47 • 26 de novembro de 2018

Cenário externo continuará pressionando o dólar em 2019?

Confiança de consumidores e empresários indica retomada mais intensa

Contas Regionais 2016

CAGED: desaceleração na geração de vagas na transformação

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Cenário externo continuará pressionando o dólar em 2019?

Na semana passada o Banco Morgan Stanley publicou um relatório com o título “*Time to sell USD*”, que numa tradução literal significa “momento de vender Dólar”.

Na visão externada pelo relatório do Banco, esse movimento trata-se de “*Hot Money*”: capitais de curto prazo que estão aproveitando os movimentos momentâneos da moeda. Assim, na medida em que a economia começar a desacelerar, o fluxo de capitais será na direção contrária.

Destacamos que em 2018 alguns elementos têm pressionado para a valorização do dólar. Primeiramente, as novas leis tributárias criam incentivos para repatriar dinheiro para os EUA, e o dólar pode se fortalecer no caso desses recursos estarem em moedas estrangeiras. Além disso, há o aperto monetário do FED em curso. Por fim, aprofundou a guerra comercial do EUA com a China. Essas três políticas empregadas pelos EUA no campo macroeconômico impulsionaram a valorização do dólar.

Outro argumento do Banco diz respeito à fragilidade do mercado de crédito corporativo e o esgotamento do ciclo de crescimento econômico. A análise indica riscos assimétricos, uma vez que o espaço para a atividade continuar avançando é pequeno, e os mercados vão precificar esse movimento. Com isso, o risco de estar comprado em dólar aumenta.

Na nossa visão, há dois elementos determinantes para esse cenário. O primeiro refere-se aos desdobramentos da guerra comercial entre EUA e China. Pelo menos no curto prazo, não chegar num acordo é negativo para ambos.

Caso a economia asiática comece a desacelerar mais intensamente, a guerra comercial pode virar uma guerra cambial. A cotação do Renminbi/Dólar iniciou o 2018 em 6,50, caiu para 6,25 em março, mas a partir do impasse com os EUA já subiu para 6,95 e pode chegar rapidamente a 7,50. Esse movimento do Renminbi pode impactar o preço das manufaturas em âmbito internacional. Do ponto de vista da indústria brasileira, isso não seria nada positivo, pois significaria maior concorrência chinesa interna e externamente.

O segundo elemento de atenção nesse cenário diz respeito à desaceleração da economia americana. Diversos indicadores antecedentes ainda não indicam o início desse processo em 2019. Acreditamos que o crescimento da economia americana deve permanecer robusto até 2020.

O monitoramento dessas duas questões: guerra comercial com a China e desaceleração econômica nos Estados Unidos serão fundamentais para o cenário do dólar e do preço das *comanditeis* em 2019. Nesse momento, continuamos acreditando em dólar valorizado.

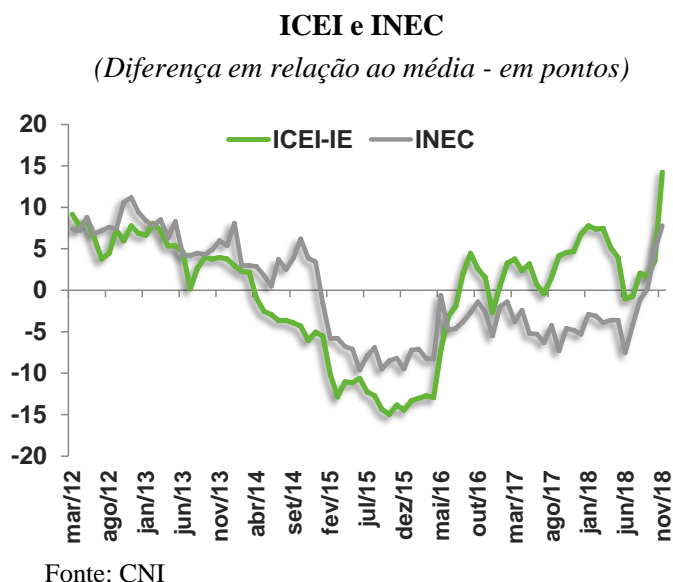
Confiança de consumidores e empresários indica retomada mais intensa

Na semana passada a CNI divulgou dois indicadores de expectativas, o Índice de Expectativa do Empresário Industrial para os próximos seis meses que faz parte do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-IE) e o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC). Em ambos os casos, o crescimento de novembro foi muito intenso. O ICEI-IE atingiu o maior valor desde junho de 2010 e o INEC alcançou a maior marca desde janeiro de 2014. O Gráfico abaixo mostra a evolução dos indicadores em relação à sua média em pontos.

A melhora na confiança dos consumidores é fundamental para a retomada do Comércio varejista, da Construção de edificações, da indústria de Automóveis e autopeças, etc. Da mesma forma, a maior confiança do empresário industrial indica uma tendência de aumento da produção e dos investimentos, principalmente quando se observa o índice de expectativas.

É impossível não relacionar a melhora na confiança com o resultado das Eleições e com a esperança dos agentes econômicos no próximo governo. Nesse sentido, mantemos uma visão esperançosa, mas cautelosa. No início do mandato, o principal desafio do Governo Bolsonaro será realizar

uma reforma da Previdência que ajude a colocar em trajetória sustentável as contas públicas. É preciso que o governo proponha uma agenda para a equalização da questão fiscal que implique na geração de superávit primário em 2020 ou 2021, para que a dívida volte a cair. Esse cenário deve possibilitar que o nível de confiança permaneça elevado, principalmente, porque a economia tende a acelerar o ritmo de retomada.



Na semana passada, foram divulgados pelo IBGE os dados relativos às Contas Regionais do Brasil em 2016. A pesquisa, que é elaborada em conjunto com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, apresenta os resultados consolidados do PIB do país e de todas as Unidades da Federação mais o Distrito Federal.

No que se refere ao PIB brasileiro, os resultados foram um pouco menos desfavoráveis do que os apurados até então pelas Contas Nacionais Trimestrais. Enquanto a informação anterior era de queda de 3,5% do produto para o ano de 2016, a recente apuração revisou o resultado para -3,3% (+0,2 p.p.), apontando uma contração ligeiramente menor na comparação com 2015 (-3,5%) e precisando uma retração acumulada de 6,8% no biênio 2015-2016.

Entre todas as 27 Unidades da Federação, a única que registrou variação positiva da atividade foi Roraima (+0,2%). O Distrito Federal, por sua vez, apresentou estabilidade (0,0%) e os demais estados registraram resultados negativos, dentre os quais 10 tiveram variação do produto acima do registrado pelo Brasil (-3,3%) e 15 abaixo. Os maiores recuos foram no Amazonas (-6,8%) e no Piauí (-6,3%)

Assim como destacado para o país, o Rio Grande do Sul sofreu uma revisão dos resultados previamente

indicados para o período. Enquanto a estimativa de crescimento do PIB feita pela Fundação de Economia e Estatística era de -2,9%, o levantamento do IBGE apontou para uma queda menor, de 2,4%.

Ainda que tenha registrado uma retração significativa, o PIB gaúcho se manteve na quarta colocação entre os estados com maior participação no PIB nacional (6,5%), atrás apenas de São Paulo (32,5%), Rio de Janeiro (10,2%) e Minas Gerais (8,7%). Vale lembrar que a última vez em que o estado não esteve entre os quatro primeiros foi em 2013, quando foi ultrapassado pelo Paraná, que hoje representa 6,4% do produto nacional.

Quando a referência é o PIB per capita, no entanto, o Rio Grande do Sul não conseguiu se manter entre os cinco primeiros. Mesmo com o crescimento do valor nominal, de R\$ 33.960,36 em 2015 para R\$ 36.206,54 em 2016, o estado foi superado por Mato Grosso e passou a ocupar a sexta posição no cenário nacional.

Os dados divulgados pelo IBGE enfatizam a grande retração vivida em 2016. A situação atual do país, e principalmente do Rio Grande do Sul, requer medidas urgentes que possam amenizar a crise fiscal. Apenas assim, os investimentos, munidos de uma maior confiança, poderão voltar a alavancar positivamente o crescimento econômico.

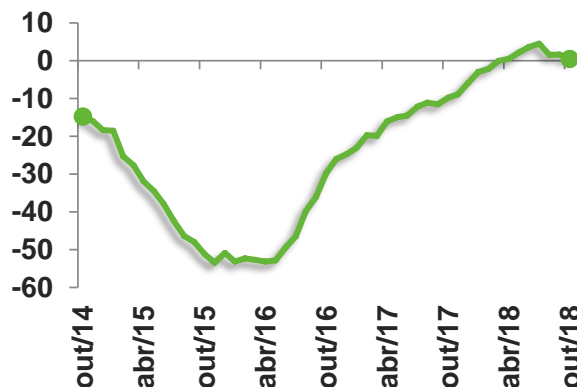
CAGED: desaceleração na geração de vagas na Transformação

O Rio Grande do Sul abriu 9,3 mil postos formais de trabalho em outubro de 2018. Após cinco meses consecutivos de perdas no emprego gaúcho, esse foi o segundo mês seguido de saldo positivo, de acordo com os dados do CAGED divulgados pelo Ministério do Trabalho. O resultado foi melhor do que as 8,7 mil vagas geradas no mesmo mês do ano passado (dado ajustado pelas declarações enviadas fora do prazo). O setor de Serviços se destacou, com geração de 7,5 mil vagas líquidas contra 6,8 mil do mesmo mês do ano passado. A Transformação, por sua vez, desacelerou, gerando 845 vagas no último mês de outubro contra 2,0 mil geradas no mesmo mês do ano passado.

No acumulado em 12 meses até outubro, o saldo de empregos formais no RS é positivo (15,9 mil). Enquanto a Agropecuária perdeu vagas (-2,3 mil), os Serviços apresentaram o melhor resultado (18,9 mil). A Indústria (-644), por outro lado, apresentou perda de vagas nessa base. Até julho, os números indicavam o início de uma recuperação para o emprego na indústria, que vinha com saldo positivo nessa base de comparação. Contudo, como os números nos três últimos meses não foram bons, o indicador voltou ao campo negativo.

Desagregando o setor, nota-se que o saldo acumulado em 12 meses é negativo na Construção (-424), nos SIUP (-405) e na Extrativa (-256). A Transformação por sua vez, mostrou saldo positivo de 441 vagas nessa base de comparação, contudo, como apontado no gráfico, houve uma desaceleração de julho para cá, que se mostrou disseminada entre os setores (principalmente Alimentos, Tabaco, Couro e Calçados, Móveis e Veículos).

Geração de empregos formais Transformação - RS
(saldo líquido ac. 12 meses em milhares de vagas)



Fonte: CAGED/MTb. Elaboração: UEE/FIERGS.